

Para professor, não há crise fiscal nos EUA

Carlos Pinkusfeld (UFRJ) diz que problema é de emprego e político, pelo veto conservador a aumento de impostos

No médio prazo, ele alerta para necessidade de conter gastos com saúde, que estão entre os maiores do mundo

CLAUDIA ANTUNES
DO RIO

Ao contrário do que indica a insistência dos republicanos nos cortes, os EUA não têm problemas imediatos de dívida e deficit.

Mas podem vir a ter se prevalecer o veto ao aumento da carga tributária, avalia o economista Carlos Pinkusfeld Bastos, da UFRJ, especialista em contas americanas.

★

Folha - Como analisa a turbulência dos últimos dias?

Carlos Pinkusfeld - Sempre olhei com maior cuidado a situação da Europa que a dos EUA. Como disse Alan Greenspan, ex-presidente do BC americano: ninguém dá calote na própria moeda porque pode imprimi-la.

Na Europa, os países precisavam se endividar numa moeda que não é a sua, e não há uma autoridade fiscal central garantindo aumento de gastos na recessão.

O problema de confiança nos EUA teve causa política?

Certamente. O Partido Republicano levou ao extremo o impasse do teto da dívida. O presidente negociou muito e só conseguiu algo na margem: que o corte orçamentário não recaia sobre Medicaid

(programa de saúde para pobres) ou Previdência.

Só o Medicare (para idosos) deve ser afetado. Nem Ronald Reagan (1981-89) mexeu nesses programas.

Reagan subiu gastos.

Ele baixou impostos no início, mas voltou atrás. Para reduzir a carga dos mais ricos, aumentou a contribuição previdenciária. Dizem que a dívida americana é quase 100% do PIB, mas a dívida real foi de 56% em 2010, menor que a da Alemanha (87%).

Há diferença porque uma reforma de 1983 fez com que a receita da Previdência fosse maior do que a despesa e esse excesso fosse guardado em títulos do governo. Há uma enorme quantidade de títulos que não está na mão do público e não exerce pressão sobre juros, confiança etc.

Não há problema de dívida?

Nem de dívida nem de deficit fiscal, no curto prazo. Os EUA têm dois problemas. O primeiro é político, que é a radicalização de uma direita que há tempos fala em reduzir o tamanho do Estado.

A estratégia para isso é a "starve the beast" [mate a besta de fome] —você corta impostos para que surja um buraco nas contas e depois ataca gastos sociais. Os EUA têm carga tributária de 30% do PIB, contra 38% na média dos países ricos. Há espaço para resolver questões estruturais pelo lado do gasto.

Mas há uma particularidade que prejudicou a eficiência de políticas contra a crise.

Ao contrário do governo federal, os Estados quase não

subiram gastos desde 2008: 28 deles impõem limites ao aumento de despesas.

O deficit sobe quando a economia desacelera. Aumentou desde 2008 e não há nada puxando o crescimento. A combinação de deficit elevado e falsa percepção de fracasso da política expansionista leva água ao moinho dos falcões fiscais.

Qual é o segundo problema?

O que mais cresce nos EUA são as transferências pessoais, que chegam a 70%

do gasto federal. Não é a Previdência, são os gastos com saúde. O custo por pessoa é o maior do mundo.

São gastos pouco flexíveis. A reforma original de Obama, que incluía um plano público para concorrer com

os privados, iria aumentar as despesas de imediato. Em longo prazo, se servisse para conter a trajetória de gastos,

o problema fiscal americano estaria solucionado.

F [Leia íntegra
folha.com/no958382](http://folha.com/no958382)